



1 de 7

ALTAR DOS DIAS (Rocha de Sousa)

Olhamos, assombrados. Olhamos e assalta-nos a incerteza da percepção, num desejo de baixar as pálpebras. Olhamos assim, em instantes de cegueira, a sombra que nos esconde o visível. Decidimos então não baixar a cabeça, não fechar os olhos, e os fantasmas desta pintura, por vezes petrificados, por vezes renascendo em raízes de árvores tombadas, iluminam-se dentro de nós, passando pela retina e selecionando-se no bloco cerebral da visão, entre milhões de outras imagens decorrentes do que percebemos dia a dia, porventura no fundo dos próprios sonhos.

De uma aparência por vezes sombria, esta arrebatadora pintura de Maria João Franco, aliás como nos próprios desenhos, agrega em cada apresentação conjuntos de iluminações — um intenso desejo de clarificar as metamorfoses interiores do ver e do ser, memória trágica e romântica que emerge dos nervos sob a pele e se propaga num espaço feito de coisas quase sempre inomináveis, indiciando diversas aparições do mundo, gente e bichos, corpos aparentemente amputados ou de cabeças ao alto, talvez gritando, como que mostrando o vale torturado antes da vida emergir dessa cova cósmica. Tudo parece lítico, modelado por uma civilização pós apocalipse, mas o saber daquelas forças registadas na tela obriga-nos a ressuscitar depois do próprio século XX. E então tudo se aproxima do olhar aberto, da obra aberta, ainda que ligeiramente tocada por morfologias de algum Prometeu agrilhado, de algum Cristo crucificado, de algum Dilúvio capaz de arrancar quase todas as raízes da terra, deixando-as escancaradas e de hastes ao alto. É verdade que esta visão parece não exprimir a arte destroçada do século XX, essa colossal «soma de destruições», mas é daí e da Bíblia relida que tudo se espalha por este mundo nocturno a crescer entre desastres para nos atormentar um pouco ao jeito das obras aqui expostas, de ontem ou de hoje, denegando a tecnologia de ponta e gritando, da dor dos cortes e das metamorfoses kafkianas, o medo do colapso na contracção futura do Universo sobre si mesmo, até ao nada.

A inquietante paisagem que estes quadros formam entre si, agrupáveis por partes de possíveis semelhanças morfológicas e gráficas, é uma espécie de memória do futuro, uma forma humana fechada sobre si ou sentada em concha, na hora de um parto solitário; é também a narrativa da crise social, farrapos de gente, enforcados suspensos do nada, cães ou lobos farejando por baixo; e a par dos riscos que reescrevem gestos, é ainda o indício gráfico do grito ou do chamamento; depois (ou antes) os troncos tombados de árvores centenárias, talvez petrificadas no espaço onde as rochas ficaram nuas, texturais, endurecidas pela luz forte dos incêndios em volta.

Claro que a arte não explicada nada, nem mesmo quando ilustra as encenações do visível ou retrata impossivelmente os santos que nunca existiram: ainda assim é dentro da sua reinvenção das coisas e dos seres que podemos palpitar ao sentir as rasuras que nos fazem prever o infinito ou nos inventam, a morte pelo homem na crucificação reformulada por Grunewald: é desse universo que vem o futuro, com os seus mortos de ontem.



2 de 7

TRIBUTE TO MARIA JOÃO FRANCO (Pino Nicoletti) (tradução de Miguel Baganha)

I had the privilege of knowing Maria and communicate with her. Our speeches crossed the worlds of art, politics and the precariousness of our existence.

Fine artist, sensitive, high cultivated, she expresses her world with his poetry and pictorial work. There is a background of melancholy in his face, like a sense of existential sadness and nostalgia before a whole shattered in an irreversible way, in front of the paradise lost forever. Her paintings are wrapped in sumptuous and inextricable webs, in which time has a very happy movement. They alert to a conflict between the longing of the serenity of nature and the transience of history. For several times feminine bodies are painted, mysterious and seductive, as if the world were interpreted by woman's category. It's evident the projection of a feminine archetype present in the unconscious of the artist, of symbolist intonation. Here everything is in balance: volume, color, contrast levels, tactile and kinetic sense of spatial values in a rhythmic measure, which reflects the mood of the artist, who writes: «My painting does not exist from a perceptive and reproductive attitude. Their physiology becomes systematic and dynamic reconstruction in reshaping of its own object, properly called referent, denoted or connoted. She shapes itself by creating absences, so that, according to my desire, the mystery may continue and maybe reach other directions».

The paintings are like wrappers, masks with no face, embedded of passion and sorrow. The artist witnesses, through her researches, the patient conquest of so many minutes of poetry. It's s a painting full of meditation and reflection, full of pathos, which makes it alive and material. From these apparently empty enclosures; from the arabesque of her paintings, emerges faces and images that express all the anguish of our time. Inside those bodies just outlined there is a confusion of feelings, affections and passions, inserted in a lyrical and moved drawing. The themes of those paintings are like images taken from a single Cosmorama, accomplice of a moral action. The works are made by the hand, but suggested by spirit, by poetry. They maintain themselves, almost touching, within an almost anonymous color, deaf, dumb, but its pictorial result purchase full force from lyrical adage. In the oscillation of the brush, embedded and softened in some color, there is a moral clime which represents the emblem of daily malaise. The marks, scars, lightning, shadows that come from all parts of the work, expresses the physical dissolution of the body and a world deprived of values. In the closed structures of the body, strongly evocative and full of mystery, exists the archeology of the passion's feeling. Maria is a poetess that should appeal to the colors to express all her precariousness and desperation of our time.



2 de 7

TRIBUTE TO MARIA JOÃO FRANCO (Pino Nicoletti) (tradução de Armadina Maia)

Tive o privilégio de conhecer Maria João e de comunicar con ela. As nossas conversas atravessavam o mundo da arte, da política, a precariedade das nossas existências.

Artista fina, sensível, culta, ela exprime o seu mundo com a poesia e a pintura. Há um fundo de melancolia no seu rosto, como se uma tristeza existencial, de saudade de uma totalidade desaparecida de modo irreversível, dos paraísos perdidos para sempre. Os seus quadros estão envoltos em sumptuosas e inextricáveis teias de aranha, nas quais o tempo tem um movimento realmente feliz. Advertimos uma contraposição entre a contemplação/desejo de serenidade da natureza e o da transitoriedade da história. Muitas vezes, são pintados corpos femininos, misteriosos e sedutores, como se o mundo fosse interpretado através da categoria da mulher. É evidente a projeção de um arquétipo feminino presente no inconsciente da artista, de entoação simbolista. Aqui, tudo está em equilíbrio: volumes, cores, contraste dos planos, sentido táctil e cinético dos valores espaciais numa medida rítmica, que reflete os estados de alma da artista. Ela escreve : " a minha pintura não existe senão a partir de uma atitude perceptiva e reprodutiva. A sua fisiologia torna-se, ela mesma, reconstrução sistemática e dinâmica na reformulação do seu próprio objecto dito propriamente referente, denotado ou conotado. Ela plasma-se criando ausências, através das quais, segundo o meu desejo, o mistério poderá talvez prosseguir e alcançar outras dimensões".

Os quadros são como invólucros pintados, máscaras sem rosto cheias de paixão e tristeza. A artista testemunha, com a sua busca, a conquista paciente de tantos minutos de poesia. É uma pintura densa em meditação e reflexão, carregada de um pathos, que a torna viva e material. Destes invólucros na aparência, do arabesco dos seus ossos, afloram rostos e imagens que exprimem toda a angústia do nosso tempo. Dentro daqueles corpos apenas esboçados há uma mistura de sentimentos, de afectos e paixões, inseridos num comovido desenho lírico. As figuras/ os sujeitos pintados são como imagens destacadas num único cosmorama, cúmplice de uma ação moral. As obras são feitas com as mãos, mas são sugeridas pelo espírito, pela poesia. E tornam-se ténues, quase comovidas, dentro de uma cor quase anónima, surdomuda, VER, cujo resultado pictórico adquire toda a força da récita lírica. No tremor do pincel, na pouca cor introduzida e destemperada, há um clima moral que representa emblemas do mal estar quotidiano. Os signos/sinais, as cicatrizes, os lampejos, as sombras que chegam de toda a parte da obra, exprimem a dissolução física dos corpos e de um mundo agora privado de valores. Nas estruturas fechadas dos corpos, fortemente evocadoras e plenas de mistério, existe a arqueologia do sentimento da paixão. Maria é uma poetisa, que tem de recorrer à cor para exprimir toda a sua precariedade e desespero do nosso tempo.



3 de 7

(Margarida Ruas Gil Costa, Directora do Museu da Água)

A obra de Maria João Franco é talvez o último reduto de sensualidade neste mundo cada vez mais individualista e asséptico. É pura poesia que habita na tela, na construção da cor e da forma e no verbo – na palavra que é indissociável da unidade da obra final. Mais do que uma linguagem estética e uma metalinguagem através da palavra a artista criou uma translinguística que contempla ambas. Uma translinguística sobre o amor, sobre o corpo, sobre a sensualidade, sobre nós e sobre como nos relacionamos no tocar da pele, sobre o respeito no fogo do prazer, sobre a sacralidade da água que escorre de nós no êxtase. “Tu não aconteces, quando eu te quero” é uma exposição sobre a dádiva e a negação no amor. Porque quando amamos e queremos e o outro ser não acontece, morre um pedaço de nós. Ensombra-se a claridade do amor puro e pára o movimento para a frente que o distingue. A Maria João Franco pinta esse jogo de claridade e sombra dos corpos e das almas, conhece dimensões imperceptíveis do amor e estuda o Mistério. Fala-nos de mulheres e homens que não se contentam em ser comuns e tentam ser Deus. Agradeço à Maria João Franco a reverência do amor e a sua arte belíssima e ao Álvaro Lobato Faria o desafio permanente de unir e de desenvolver.

4 de 7

(Rocha de Sousa)

Seguindo um critério de publicar aqui, aleatoriamente, artistas portugueses contemporâneos, de qualidade reconhecida, recorreremos hoje a pinturas recentes de Maria João Franco. Viúva do pintor Nelson Dias, cujo desenho de corpos atingira grande relevância expressiva, Maria João cerrou os dentes com a determinação de prolongar a memória da obra de Nelson, a par das suas pesquisas ainda conotáveis com aquele desenho, mas reivindicando junto de todos a sua identidade, a sensualidade dos corpos, a ideia de pele, o rasgão das texturas, metamorfose do homem em bicho, à procura de um verdadeiro nome. A pintora não oscila na identidade institucional e na mesma verdade quanto às formas plásticas. Há um equilíbrio duro entre o ser da mulher e uma quase masculinidade na obra plástica. Por vezes, quando desenha, abre espaço às massas corporais, num claro escuro bem assumido, a superfície tratada com grande subtileza de valores. Na pintura, este jeito de abstractizar as formas distingue-se segundo um idêntico calibre e balança para outros ritmos internos, gestuais e texturais. Todos esses materiais anunciam uma problemática para além do plano reico, sugerem a dor, o sofrimento, o grito panteista, o corpo trucidado, um expressionismo que parece anunciar a vontade de viver.



5 de 7

BREVE VIAGEM PELA OBRA DE MARIA JOÃO FRANCO (Miguel Baganha, 2014)

Não é fácil falar da obra de Maria João Franco, mesmo para quem julga conhecê-la na sua essência.

Uma obra assim pungente, abismo de verdades inenarráveis, grita-nos, através das suas formas, parte da história do mundo, contendo as dilacerações mais profundas da condenação sisifiana, tragédias que vêm de longe, dos primórdios, não sei bem donde, revelando que a vida pode ser feita e refeita, vezes sem conta, nascimento ou renascimento, obra que se constrói e desconstrói até atingir a soma do que realmente importa: um «tu não dizes, quanto eu te encontro» — marca inequívoca e basilar da incessante procura humana pela eternidade possível.

A obra de Maria João Franco possui um global efeito abstractizante, contudo, parece interiorizar alguns indícios de uma erudição académica, denunciando insofismavelmente, desde logo, a fuga à iniciação a fim de correr livremente pela diversidade imagética de um universo plástico muito próprio, sombrio e agonizante.

Nestas telas, entretanto, Bacon parece espreitar Ferreras também mas sem perder as bases da sua identidade. Este ponto de vista tenta explicar a dificuldade que temos em separar as influências, vínculos que são perenes mas que simultaneamente se afastam (ou mesclam) pela vivência individual de uma mente peculiar — fruto simbiótico, talvez nascido entre a diferença e a semelhança, reflectindo na tela, apesar dos paradoxos inerentes, uma força telúrica e estranha de cunho antropomórfico.

Mesmo quando a autora representa os nus envelhecidos por cima da sua intocável frescura. Maria João Franco consegue dissimular, de maneira esplendorosa e única, a fecundidade, gerando assim, por meio de uma poesia plástica, a sua própria e inexorável procura, onde a semiótica persuade o fruidor a olhar para além da sua própria solidão, o seu próprio sofrimento.

Aquilo que os nossos olhos costumam reconhecer por defeito, é aqui, em geral, representado por oposição, vivenciando um espaço que Maria João Franco preenche em pureza, em oração, em intimidade.

Talvez um dia o mundo (re) conheça o notável talento desta artista portuguesa e universal e lhe conceda o merecido espaço, mas, talvez, só depois de fundado um novo mundo, após destruídas as ruidosas cidades e falsos paradigmas da nossa sangrenta civilização.



6 de 7

(Rocha de Sousa, 2010)

Foi numa espécie de silêncios ensurdecedores que Maria João Franco sobreviveu, emergiu várias vezes, e solta agora, ao expor mais uma vez, o seu grito de intransigência perante as «forças» que carreiram modos, modas, os autores e ordens em vigor, com frequentes violações do trabalho independente, para a constelação internacional, sucesso a termo, porque outras barreiras selectivas e obscuras existirão neste século. Desde longa data que Maria João Franco foi dando prioridade a um discurso matérico e de alguma violência, proferido entre uma abstracção de teor expressionista e a convocação rochosa do corpo humano — ou do corpo simplesmente. Passo a passo, o seu imaginário recebia impressões graves do exterior, da experiência exógena, acabando por devolver às mãos da pintora fragmentos amassados na devida maturação, coisas endógenas, reanimações poéticas da morte e da vida. Tais verdades interiores, sempre em transformação mas nunca em ruptura, contrariavam o terreno minado pela cultura urbana, formações espúrias, filiação nos concursos rápidos ou guerra dos prémios. Com a sua arte reaprendemos algumas versões de valor porventura romântico, até de raiz na memória dos clássicos problematizantes, a par de uma afirmação expressionista (da mesma mágoa) assente no testemunho de outros renascimentos e no sentido da revolta. A manipulação do gesto, abarcando logo grande parte do campo, entra depois no domínio da pasta, matéria acumulada sobre esboços líquidos. Alguns dos quais parecem despontar propositadamente nas zonas onde a autora preferiu aderir à transparência e por vezes, quando acha necessário conter a catarse, a decisão de aplicar mansas velaturas sobre troncos antropomórficos duros, brutais, escultóricos. Essa aparente moderação lírica avança com um brilho baço sobre aquelas carnações decepidas, de largas texturas e aparência lítica. Esta busca, algo arriscada, passa por matérias e cores sobretudo acinzentadas, exprimindo de facto a pedra da escultura que evoca o corpo, é um trabalho quase contínuo, quase sisifiano, princípio e fim de um todo que também nos pertence, embora sempre nos escape. Anunciada assiduamente pela sua diversidade, o percurso coerente de Maria João Franco parece abalado, sem que as suas bases se ressintam, dado que esse ponto de vista implica diferença, a simbiose entre diferença e semelhança, o que, apesar de todos os paradoxos, confere uma força inusitada a estas massas onde algum fio de sangue aflora, e mesmo nos casos em que a autora representa (na boa memória académica) os nus falsamente envelhecidos na sua intocável frescura. A forma plástica, em Maria João Franco, recupera do espaço da memória, da própria dor, com obstinação, a ideia e a imagem do corpo, mesmo quando este não se aperta entre os limites do campo e se projecta gestualmente no espaço. A liberdade do fazer, no acesso a qualquer metodologia e materiais próprios, não isenta o formador de pensar quais as razões da sua luta, quais as razões do seu objectivo, o que implica a criação ou aceitação de limites ou regras. Maria João sabe perfeitamente essa condição, porque a condição sobra mesmo quando traída com talento. Neste caso, a pintora está sobretudo ao serviço de si mesma, legando a alguém, a verdade da obra ser um destino de vida.



7 de 7

A ARTE PERANTE A AMOTINAÇÃO (Rocha de Sousa)

A razão de tudo o que formatou em boa parte a peça de teatro O MOTIM, vem das queixas contra as liberdades individuais na venda de um decisivo produto local, o vinho. Proprietários e gananciosos da centralização, das matérias e do seu comércio, conquistaram, sob o manto doloso dos políticos

A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas — pela qual se encerram tascas e bebedores, lugares da convivialidade comunitária, corte laminar numa concepção de solidária do viver repartido nas distâncias e nas proximidades. E um dia, entre os murmúrios de dentes cerrados, uma revolta se congemma: e assim o povo invade as ruas, amotinado, grandes e pequenos lances contra a Companhia. A alegria espalha-se na aparente reconquista de um comércio distribuído em rotinas seculares e no júbilo do próprio risco. Só que o levantamento foi abafado, com as devidas orientações quanto ao julgamento e a exemplares castigos. Houve uma enorme concentração de poderes nas mãos cruéis do escrivão José Mascarenhas, filho do presidente do tribunal, João Pacheco Pereira Vasconcelos. Alguns acusados do motim são interrogados com brutalidade e mesmo sob tortura. E o processo arrasa quase tudo o que passa sob um tribunal insano, condenados aguardando a execução, o morte, o fim, tudo num clima lúgubre e funesto.

No outro dia torna-se imperativo abrir o tempo de nojo e continuar uma longa, quase intemporal, força de resistência. Mas esta verdade histórica, em parte ficcionada como metáfora sobre as condições sociais da vida humana, havia sido instaurada em peça de teatro, o MOTIM, de Miguel Franco. Termina nas brumas que baixam sobre todas as tragédias e, desta vez, com uma espécie de aforismo ou proclamação resistente: «Um homem sem medo não morre».

As artes pertencem todas à mesma raiz da natureza humana, existência e espírito, podem sempre relacionar-se da diferença à semelhança, entre o que a memória transfere para a palavra ou para a imagem, no tempo suspenso da pintura ou na percepção conduzida pela duração representativa, através do teatro, da música ou do cinema. Maria João Franco, abordando pela forma plástica certo ideia expressiva, dolorosa, da peça O Motim, corre em tortura a demora e o sentido de uma mensagem poderosa no superior risco de plasmar sobre a tela, sem qualquer obviedade ilustrativa, o supremo delírio das máscaras inertes, presas fora do tempo mas levando cada mensagem pictórica, num grito expressionista e lírico, para lá dos muros ou dos longos olhares narrativos: porque os factos e as personagens que ela manipula, na derradeira tragédia das condenações, sob a iniquidade do poder espúrio, engloba a beleza de personagens na linha do protoplasma, antes e depois de serem, na revolta e na dor, gente viva. Numa encenação sacra e poderosa, as telas encerram e desvendam, por cada contemplação nossa, passos da terrível sentença da Alçada no impúdico desfecho pela morte iníqua, entre carrascos mumificados e gritos de almas a sangrar. Não é apenas uma performance plástica, sob tutela teatral, é sobretudo a marca das sensações que atravessaram este outro lado da criação, a mancha, a sombra, a transparência, o mundo humano em denegação, suspenso parietalmente, como em crucificação, de súbito num silêncio de pedra, mortal e acusador.